

Missão do FMI adia relatório e espera plano

BRASÍLIA — A missão do Fundo Monetário Internacional (FMI) decidiu adiar a elaboração de seu relatório sobre a economia do país até que fiquem prontas, no final deste mês ou início de junho, as diretrizes econômicas em estudo no Ministério da Fazenda. A delegação do Fundo, que permaneceu 23 dias no país, comandada pelo chefe da Divisão do Atlântico Sul, Thomá Reichmann, regressa a Brasília dentro de duas ou três semanas para discutir em detalhes o programa da Fazenda e somente então redigirá o relatório.

Este "acordo implícito" com o governo, na definição de alta fonte da área econômica foi decidido pela manhã em reunião de pouco mais de meia hora entre a missão do FMI e o ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Era o que mais queria o Brasil, de acordo com um técnico que acompanhou a missão. A razão é simples: as diretrizes econômicas poderão mudar o tom do relatório (que se sabia desfavorável diante da atual conjuntura), possibilitando, assim, abrir um campo favorável à retomada de negociações para o reescalonamento da dívida com o Clube de Paris, prevista para 15 de julho.

Segundo um funcionário governamental que esteve duas vezes com a delegação do Fundo, era previsível o acordo, por dois motivos: trata-se de uma missão de consulta, conforme prevê o artigo 4º do estatuto do FMI, e, como tal, dispõe de alguma maleabilidade nas suas decisões; a delegação chegou durante a substituição de Funaro por Bresser e, portanto, nada mais natural que resolvesse aguardar pelos planos do novo ministro.

Não se sabe ainda com precisão se o governo vai mesmo levar adiante a ameaça de Bresser de estender a moratória dos juros também aos bancos oficiais ligados ao Clube de Paris — basicamente os Eximbank dos Estados Unidos e do Japão, o KFW da Alemanha, os bancos da França e da Inglaterra — o que resultará numa economia, este ano, de cerca de 3 bilhões de dólares. Em entrevista, à tarde, aos correspondentes estrangeiros baseados em Brasília, o ministro da Fazenda minimizou a ameaça, afirmando esperar um acordo com esses bancos — ou seja, aguardar que cumpram a promessa de liberar novos empréstimos. "We are partners" (nós somos parceiros), disse Bresser aos correspondentes, na única frase em inglês que falou na entrevista.